

INOVAÇÃO

Mapeando oportunidades

Agência USP de Inovação procura formar técnicos para reforçar a rede de empreendedorismo da Universidade

SILVANA SALLES

“A cultura da inovação não é só tirar patente, não é só colaborar com o setor produtivo. Ela envolve formar pessoas competentes para realizar a inovação no País”, afirma Wanderley Bagnato, professor do Instituto de Física de São Carlos (IFSC) da USP e coordenador da Agência USP de Inovação. Criada por uma portaria de 2005 com a missão de promover justamente essa cultura de inovação na Universidade, a agência dará mais um passo nessa direção ao oferecer workshops para a formação de “colaboradores da inovação” sediados nas unidades de ensino e pesquisa.

Esses colaboradores serão técnicos de nível superior ligados aos laboratórios de pesquisa, treinados para identificar oportunidades de propriedade intelectual e de infraestrutura e possibilidades de parceria. “A USP é uma universidade muito complexa, com diversas unidades com características próprias, em que as regras de uma podem não valer para outras. Então, temos que começar a envolver mais as pessoas das unidades com a própria agência”, explica Bagnato. Assim, os técnicos que passarem por esse treinamento servirão como uma espécie de “ponte” entre seu ambiente de trabalho e a agência.

Segundo o professor, há cerca de 200 inscritos para o processo de formação. Os workshops foram divididos em duas turmas, sendo uma para a capital e uma para o interior. Na capital, o treinamento começa neste sábado, dia 29. No interior, os workshops serão realizados em março do ano que vem.

Os colaboradores da inovação devem também entrar em contato com o desenho de um ecossistema que inclui, além da própria estrutura da USP, incubadoras, parques tecnológicos e um grande volume de parcerias com o setor produtivo. As parcerias consistem em trazer empresas e instituições para projetos de pesquisa realizados na Universidade, de forma a garantir o financiamento de pesquisas relevantes, ao mesmo tempo em que a entidade patrocinadora se beneficia com a transferência de tecnologia. Já os parques tecnológicos são entendidos como centros de encontro entre pesquisadores, estudantes e empresas

Startups – Um dos planos para fomentar a cultura de inovação é garantir que todos os campi da USP disponham de uma incubadora associada. Atualmente, apenas as cidades de Baur e Lorena não têm esse tipo de equipamento associado à Universidade. As incubadoras ajudam no processo de desenvolvimento dos projetos de empresas que estão começando. São negócios inovadores e, de certa forma, também de risco. Trata-se das chamadas *startups*.

Em Piracicaba, a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP mantém uma incubadora voltada ao apoio a micros e pequenas empresas agrozootécnicas desde 1994. Em 2005, ela foi rebatizada como EsalqTec – Incubadora Tecnológica e hoje é mantida por uma parceria da Esalq com a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq). Sérgio Marcus Ventura Borges Barbosa, gerente da incubadora, recorda que nem todas as empresas incubadas seguiram ativas, mas conta seis que passaram pelo processo e hoje estão presentes no mercado do agronegócio. Atualmente, a EsalqTec tem incubadas nove empresas residentes – a capacidade máxima das instalações – e 18 não residentes.

A diferença entre as modalidades tem a ver com o momento em que cada empresa se encontra – as menos estruturadas, que ainda precisam desenvolver melhor seu produto, podem montar seus escritórios no local e tornar-se residentes. Elas pagam um valor abaixo do preço de mercado para utilizar o espaço e, em troca, recebem



Francisco Emolo
Wanderley Bagnato: cultura da inovação significa formar pessoas

uma série de informações e orientações sobre como montar o negócio. Já as não residentes contribuem com R\$ 75 por mês e também são acompanhadas pela equipe da incubadora por meio de reuniões periódicas. Além disso, há uma modalidade de pré-incubação, na qual o empreendedor que ainda não formalizou sua empresa pode se dedicar a desenvolver a ideia. Todos os empreendedores, que podem ou não ser graduados pela Esalq, são estimulados a aproveitar o período na incubadora para forjar parcerias com outras empresas incubadas e com os departamentos e professores da faculdade.

Quem quer passar pelo processo de incubação tem de apresentar um modelo ou plano de negócios e se submeter a uma seleção. Na EsalqTec, os principais critérios são a relevância científica e a aplicabilidade do projeto. “O ideal é que os projetos sigam o que a gente chama de quadrante de Pasteur: tenham alta relevância científica e alta aplicabilidade. Inovação só existe quando é

aplicada na sociedade. Senão, é pesquisa”, diz Barbosa.

Na Cidade Universitária, a USP é parceira do Centro de Inovação, Empreendedorismo e Tecnologia (Cietec), associação sem fins lucrativos responsável pela gestão da Incubadora de Empresas de Base Tecnológica de São Paulo. Mas o campus que abriga a Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) possui uma incubadora própria, a Habits – Incubadora Social e Tecnológica da USP Leste, fundada em 2012.

Na Habits, a exigência é que os projetos incubados tenham relevância social e preferência é dada àqueles que desenvolvam atividades que beneficiem, em particular, a zona leste de São Paulo. A seleção utiliza como critérios prioritários o grau de impacto social da iniciativa e a capacidade de ser autossustentável. Hoje, a Habits auxilia três empresas, sendo que uma delas, a Quântica, se desdobrou na *spin-off* Silabe, ganhou prêmios em concursos de *startups* e deixará a incubação no mês que vem. Os dois sócios da empre-

sa, Marcos Soledade e Ricardo Sudário, são egressos do curso de Sistemas de Informação da EACH e montaram uma plataforma on-line de aprendizagem adaptável às necessidades das equipes de educação. Para se ter uma ideia do crescimento da *startup*, um de seus clientes é o Banco Mundial. A incubadora iniciará uma nova etapa com o lançamento em dezembro de um edital para a seleção de 12 novos projetos.

Vice-coordenadora da Agência USP de Inovação, a professora Luciane Ortega, da EACH, afirma que a incubadora faz parte de um programa mais amplo, chamado Empreendedorismo-Escola, que inclui disciplinas de graduação dedicadas a estimular iniciativas de empreender, encontros semanais para a discussão de ideias dos alunos e palestras com empresários. Luciane avalia que o programa vem fazendo um trabalho relevante para a zona leste e lembra que alguns dos projetos incubados na Habits têm relação direta com a comunidade da zona leste.

“Duas das empresas incubadas, Libras na Ciência (que oferece material e traduções português-libras) e OPA (focada em serviços de gerontologia), realizam atividades que trazem a comunidade para dentro do campus. Um membro do conselho estratégico da incubadora é uma das instituições de fomento social da região. Entretanto, precisamos nos aproximar mais e essa é uma das metas para o próximo ano”, afirma a docente.

São Carlos, por sua vez, vem se transformando em um polo de inovação e empreendedorismo desde a criação, a partir de finais dos anos 1990, de uma série de incubadoras e programas de estímulo, muitos dos quais tiveram o envolvimento de professores da USP. Hoje, alunos do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC) e da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), ambas unidades da Universidade, estão presentes em *startups* que desenvolvem softwares e plataformas on-line variadas, como o Chegue.Lá (www.cheque.la) – ferramenta que facilita a busca de passagens de ônibus de viagem – e o Dicionário inFormal (dicionarioinformal.com.br), um dicionário de português gratuito e colaborativo que se propõe a documentar on-line a evolução do significado das palavras.



Divulgação EACH
A Habits, incubadora da EACH: projetos voltados para beneficiar a zona leste paulistana